

Os Judeus no Brasil: questões de gênero e antisemitismo

EVA ALTERMAN BLAY

Universidade de São Paulo.
Departamento de Sociologia.
São Paulo. Brasil.

- Preâmbulo¹

À afirmação de Sir Isaiah Berlin de que sobre os Judeus havia muita história e pouca geografia, responde Élie Barnevi, “mapear a história dos Judeus do ponto de vista geográfico, resume-se a cartografar o planeta”, pois os Judeus estiveram em inúmeros lugares mesmo naqueles em que fisicamente não estiveram presentes. Barnavi vai além e mostra que esta demanda por uma “geografia nacional”, devia ser entendida no sentido de que o povo Judeu tinha “muita história e pouco Estado” (1995: IV). Entenda-se um povo sem um Estado nacional até 1948.

*A História tem associado aos Judeus grande **mobilidade espacial e dispersão**. Mobilidade provocada, ao longo do tempo, por inúmeros fatores, desde as peregrinações religiosas, o comércio, a imigração. Incluem-se as expulsões por governantes, pelas Cruzadas, expulsões sob o pretexto de serem os Judeus “responsáveis” por epidemias como a peste negra; expulsão pelos Reis Católicos, e finalmente a expulsão-fuga dos pogroms e da pobreza, sem esquecer o nazismo, as perseguições no Egito, na Síria, no Irã...*

Há várias formas de dispersão no espaço, os Judeus estão em toda parte, mesmo onde fisicamente, não existem (Barnavi VI).

Para os próprios Judeus a dispersão tem uma dimensão simbólica: “Meu coração está no Oriente (Jerusalém), meu corpo no extremo Ocidente (Espanha)”, dizia o poeta da idade do ouro espanhola, Judá Halevi (Barnavi VI). Um judeu pode estar em varias partes do mundo: onde tenha nascido, vivido e se incorporado pela educação, experiência, trabalho, língua, como, por exemplo, ser brasileiro, nascido

¹ A fala dos historiantes é escrita com caracteres normais; meus comentários estão em itálico e azul. Este formato foi utilizado em Blay E.A. e Lang, A.B.S.G (2004)

na Polônia e ligado a Israel, ou ser francês, ter vivido na Argentina onde se radicou e incorporou a língua como sua, ter imigrado para a Inglaterra e estar ligado a “Eretz-Israel”. Estas são experiências comuns aos seres humanos mas, no caso judaico, potencializadas justamente pela ausência de um território. Encontrei fartos exemplos desta multiplicidade em histórias de vida coletadas: nascer na Polônia, amar a cultura e a literatura polonesa, ter sido expulso daquele país, vivido em outros países inclusive o Brasil, ter a nostalgia da Polônia, mas no fundo se saber um judeu.

Para Jacó Guinsburg, além do hebraico, o ídiche, também chamado de Taytsh, é a língua primordial que define a identidade dos Judeus. Muito apropriadamente ele a define como “uma língua errante” ou uma “língua passaporte”. O ídiche, “dialeto judeu-alemão”, predomina entre os aschkenazi da região europeia-ocidental e europeia-oriental, incluindo o “pale” (zona de residência obrigatória para os judeus russos). Os homens eram educados no hebraico – a língua dos livros sagrados - aos quais as mulheres, assim como os menos letrados, não tinham acesso. O ídiche era falado pelas mulheres e se tornou a língua popular, usada em família, a forma de comunicação com os filhos, a língua do cotidiano. A escrita do ídiche se fez com caracteres hebraicos. Guinsburg afirma que o ídiche, mais o hebraico e o aramaico, são a base do “universo cultural construído na esfera de Aschkenaz”. Ele (o ídiche) “se torna componente estrutural desta sociedade” (Guinsburg 1996:32-33). Assim como ao lado do hebraico usou-se o aramaico e o ídiche, outras línguas foram sendo incorporadas. No ramo sefardita o ladino teve o mesmo papel de expressão cultural escrita e oral.

A escrita feminina, através dos sete livros escritos por Glikl Bas Judah Leib (Alegria filha de Judá Leib), em ídiche, nos permitiu conhecer o início da modernidade ocidental. Glikl, uma mulher do século XVII, após a morte de seu amado marido, para apaziguar sua dor, passou a narrar seu cotidiano, a vida de seu tempo. Traçou um testemunho para seus filhos “para que amanhã ou depois seus queridos filhos e netos conheçam nossa família, saibam quem é a nossa gente” (Davies, 1995:27). Escrevia, com caracteres hebraicos, o ídiche que ela chamava de Taytsh; era culta e além do hebraico conhecia o alemão, e por necessidades comerciais sabia usar o francês (Davies, 1995:30).

Glikl e Haim, seu marido, eram verdadeiros companheiros de vida e trabalho. Ela sabia detalhadamente o trabalho

que ele fazia, acompanhava-o às feiras de Leipzig e Frankfurt am Main onde vendiam pedras preciosas; Haim organizava também comércio com Moscou, de Dantzig para Copenhague, Amsterdã e Londres. Viajava com ele por razões profissionais. Usavam, em seus contatos e hospedagem, o ídiche, “a língua passaporte”. Glikl participava de todas as decisões, mantinha a escrita contábil, redigia os contratos. Começaram modestamente e Haim prosperou muito em Hamburgo. Quando ele morreu, ela pode continuar o mesmo trabalho com o qual sustentou a imensa prole, oito filhos ainda pequenos dos 12 que tivera e que tinham sobrevivido (perdera dois, e quatro já estavam casados).

Glikl procurou casamentos para seus filhos e filhas entre famílias próximas ou distantes. Esta atitude de buscar a dispersão através de uniões familiares, tinha vantagens econômicas e de segurança em caso de necessidade de fuga que permanentemente ocorria com os judeus desta e de outras regiões. Como diz Davis não era incomum que as mulheres judias alemãs trabalhassem. Assim o fizeram a mãe e a avó de Glikl, duas mulheres que foram retratadas, em seus livros, como exemplos a serem seguidos, mulheres que conseguiram reerguer a economia familiar depois de grandes perdas. As alemãs cristãs também exerciam o comércio, porém, em proporção menor e local (Davis: 21-23).

Glikl escreveu durante trinta anos. Além de sua vida pessoal contou todos os percalços da vida econômica, social e os problemas políticos que tumultuavam a vida dos judeus obrigando-os a pagarem impostos para viver e até para sair das cidades que habitavam. Transmitiu a ética judaica de vida e comportamento. E mostrou a importância de terem relações de parentesco e amizade com outros Judeus que os acolhiam em viagens, em negócios. Não esqueceu de narrar e perdoar os que prejudicaram a si e a Haim.

Estendo-me no relato da vida de Glikl Bas Judah Leib pela precedência que ela ocupa ao narrar o que ocorreu com a mulher, o homem, a família, de Judeus, no início da modernidade (século XVII) e que nos aponta circunstâncias que, posteriormente, no fim do século XIX, no XX e começo do XXI, no Brasil, vêem à tona novamente. Vejamos o relato de Armando Kaminitz, que se tornou importante empresário da indústria eletrônica no Brasil.

- Em busca de novos caminhos²

O Hotel Kaminitz

Nasci em Jerusalém, em 1888. Somos os verdadeiros sabras, os primeiros que foram para Israel, vindos da Rússia. Meu pai também nasceu em Jerusalém. Os pais dele, meus avós, foram os primeiros que chegaram e fundaram um hotel, o único que existia, o Hotel Kaminitz. Somos originários da cidade de Kaminitz Podolski, e todos nos chamamos Kaminitz, por causa da cidade. O nome originário era Mandelbon; mas como meus avós criaram no hotel aquele ambiente de Kaminitz, aí todos ficamos conhecidos como Kaminitz.

Aonde chegavam os Judeus traziam seus shteils, suas pequenas cidades. Elas se tornavam ponto de referencia para os que imigravam posteriormente. A partir de um conhecido ia se formando uma rede que aumentava a cada nova imigração. No grande e desconhecido mundo, aquele pequeno ponto de chegada, se tornava um endereço.

Kaminitz, cidade da Bessarabia, era considerada uma cidade importante pelos judeus moradores dos schteitl vizinhos. Até 1918 a Bessarabia pertencia à Rússia. Depois foi anexada à Romênia através de um plebiscito. Passou então a pertencer à República da Moldava. Os bessarabianos nunca foram reconhecidos como romenos pelos novos dominadores.

Em 1940, seguindo o pacto Molotov Von Ribbebtrop, ela voltou a ser da Rússia. Este pequeno território (21.000 km2), com o término da União Soviética, se tornou independente.

A sujeição a nações tão distintas politicamente causou enormes dificuldades aos indivíduos destas regiões especialmente aos judeus, discriminados por todos eles. Como muitos nos contaram, se a escola era visitada pelo representante do novo Estado dominante, as crianças tinham de esconder os antigos livros substituindo-os pelos agora adotados. E a pantomima continuava quando o antigo Estado retornava ao poder. Desobedecer esta ordem era crime.

A Bessarabia, como a região é conhecida até hoje, situa-se à leste do Rio Prut e à oeste do Rio Dniester, de triste memória, onde muitos judeus fugitivos dos pogrons e depois do nazismo, morreram

² As histórias de vida aqui utilizadas fazem parte da pesquisa “Os judeus na memória de São Paulo” realizada na Universidade de São Paulo, com o apoio da FAPESP e do CNPq sob minha coordenação e iniciada em 1981.

afogados. As lembranças dos pogroms nunca desapareceram do horizonte judaico e da memória dos imigrantes Judeus. O medo de que recomeçassem era permanente. Este sentimento é claro nas palavras de Cecília Lafer, de Rovne, na Polônia, cidade banhada pelo nunca esquecido Dniester.

Já vi muita coisa em minha vida. Tinha pogroms, zeí hobn gueklopt in dem fentster (eles batiam nas janelas) dos judeus... meu pai, coitado, de noite teve que guardar minha irmã, era uma moça bonita, e ele guardava ela no keiler (porão, buraco); ela e mais uns judeus e muitas moças ídiches entravam na nossa casa porque tínhamos um porão lá embaixo. Nesses pogroms eles matavam muitos "idn", arrancavam barbas, era tanta desgraça, tanta! Começavam de noite. Ainda muitas vezes me lembro, acordo à noite, depois de tantos anos que estamos aqui..58 anos, chegamos em 24. Vai fazer quanto, 60 anos?!

- Os Pogroms

*Numa longa série de pogroms, o de **Kishinev**³, no começo do século XX, está muito vivo na memória dos Judeus, tenham eles vivido ou incorporado o relato desta hecatombe. Kishinev, capital da Moldava, foi o cenário de sangrento pogrom em 1903 provocado, entre outros motivos, pelos nefastos preconceitos que envolviam (ou envolvem) os Judeus. Na Páscoa daquele ano, período em que já reinava o czar tirano Alexandre III, começaram a correr rumores de que haveria novamente, como no passado, um pogrom. O ambiente ficou infestado por duas publicações, uma que acusava os judeus de usar o sangue de um menino para os rituais da Páscoa, e outra, o apócrifo Protocolos dos Sábios de Sion, que acusava os judeus de quererem dominar o mundo e que é, até hoje, reproduzido e usado por segmentos nazistas em várias partes do mundo.*

Mais uma vez as necessidades econômicas da monarquia, a fazia incitar os cossacos e populares a atacar os judeus com a permissão de roubarem seus bens, casas, lojas. Era uma forma de compensar os salários não pagos e criar um bode expiatório à pobreza da população. As casas dos judeus foram roubadas, as lojas depredadas, mulheres e meninas estupradas: entre 6 e 8 de abril de 1903, foram mortos 49 judeus, 587 ficaram feridos, 1350 casas destruídas e 588 lojas

³ Dinur B., "Kishinev Pogrom and its Historical Meaning", *The Kishineff Pogrom of 1903*, 1963, p. 243-259; Doron D., *Ghetto Kishinev - The Final Pogrom*, Kiriath Sefer, Jerusalem, 1977. in Andrei Shapiro. Magshimon nº 25, 3/7/2003. Hagshma Department of the world Zionist organization.

arrasadas. O pogrom de Kishinev faz parte das memórias de Armando Kaminitz que o recorda envolto em sua vida de menino.

Eu me lembro quando estava em Paris, tinha sido enviado para estudar; parece que era 1904, houve um massacre de judeus em Kichnev, na Rússia. Eu tinha 10 anos e fui enviado pelo colégio – para ajudar a mandar uma circular à coletividade judia, para ajudarem as vítimas do massacre em Kichnev. Ajudavam com ações, com dinheiro. Era o comitê dirigido pela família Rothchild de Paris. Muito poderosa a família. Os judeus na França estão bem, mesmo hoje, apesar do assunto Dreifuss⁴.

Mesmo sendo um menino de apenas 10 anos, o Sr. Kaminitz, com 94 anos na data da entrevista, não esquecera a brutal matança que alias, provocara manifestações de vários governos. Sua menção ao Affaire Dreyfus se soma à lembrança do antisemitismo francês (ver nota 5)

Mas quais foram as pontes que levaram o Sr. Armando Kaminitz ao forte judaísmo que ele revelou durante toda sua vida? A infância em Jerusalém, o heder, a educação formal, a memória dos fatos históricos que abalaram os Judeus, a convivência familiar? Do lado paterno vieram as informações talmúdicas e do lado materno, conforme relata, uma constante busca das fontes judaicas para resolver questões da vida cotidiana.

- .O livro da cura em ladino

Miriam, minha mãe, nasceu em Jerusalém. Ela era muito boa, muito inteligente. Era uma boa judia.

Quando queriam qualquer informação a respeito de judaísmo, outras mulheres, amigas, conhecidas, perguntavam: “Conte-nos aqui quem foi aquele?”, ela sabia tudo. Ela tinha um livro grosso assim, que consultava de vez em quando, para saber uma coisa ou outra, como se fosse um dicionário.

Era um livro de 500 anos atrás, escrito todo em ladino, na língua espanhola daquele tempo, onde havia uma quantidade de assuntos sociais, políticos, filosóficos e

⁴ Kaminitz se refere ao “assunto Dreyfus” historicamente conhecido, em francês como L’affaire Dreyfus” ocorrido na França. Dreyfus, alto oficial do Estado Maior francês foi acusado e preso em 15 de outubro de 1894 e libertado em 20 de setembro de 1899. Acusado de ter passado para a Alemanha segredos franceses ele foi condenado e degredado para respectivamente a Ilha Royale e depois para a Ilha do Diabo, nas Guianas Francesas. Dreyfus, sem que ele mencione em seu livro “Cinco Anos de minha vida” foi insultado, recebeu injúrias antisemitas. Havia uma campanha contra os “oficiais israelitas que estavam no exército” Vidal- Naquet (1991: 268-269). Certamente Kaminitz viveu a enorme repercussão desta falsa acusação que durou muitos anos.

de cura. Para tal assunto, tal enfermidade, havia uma cura, ela procurava e encontrava no livro.

Minha mãe o guardava como se fosse uma relíquia. Quando ela tinha qualquer problema, tomava imediatamente o livro para buscar o que havia sobre o assunto. O livro foi escrito por um rabino no tempo em que os judeus ainda viviam na Espanha. Vocês sabem⁵ que naquele tempo os judeus estavam na Espanha, muito bem, magnificamente bem. Durante 800 anos os judeus viveram com os mesmos muçulmanos que haviam ocupado a Espanha e uma parte da França.

Em Paris estudei numa escola normal superior. Estudava de tudo, não havia especialização nenhuma. Tínhamos os melhores professores de “Francia”, e eram judeus a maioria. Eu era o primeiro aluno, o melhor da classe, era muito forte em matemática e literatura. Gostava muito da França, apesar de haver sido o país mais anti-semita do mundo, mas eu gostava muito da França, porque fui criado na linguagem francesa. Mas atualmente gosto muito do Brasil, gosto muito de Israel. De Brasil posso dizer que tenho 80 anos.

A dispersão geográfica e emocional compõe as lembranças de Armando Kaminitz. Os pogroms, a educação na França, o coração dividido apesar do anti-semitismo francês. Da casa materna trouxe uma admiração pela sabedoria judaica da vida cotidiana. Incorporou, no Brasil, novos tipos de relações sociais e valores que somou à sua memória e formação judaicas. Nunca viveu em Israel, mas esteve sempre voltado para o destino daquele país com o qual manteve até a morte um contato constante e uma contribuição para sua solidificação. Quando de nosso encontro, Armando Kaminitz, planejava a viagem que faria a Israel para comemorar seu 95º aniversário. Tinha escolhido, como fazia há muitos anos, visitar Israel.

...No próximo ano faço 95 anos. Vou fazer 95 anos em Israel. A Universidade Hebréia de Rehovot vai fazer uma festa para mim, já estão esperando. No dia 20 de abril de 1983, vou ter 95 anos e já está programado que vou viajar. Minha filha também vai me acompanhar, e um outro filho meu. Em abril vou viajar, para lá...

- . Da Pobreza

⁵ Refere-se às entrevistadoras.

O relato das condições de pobreza dos Judeus moradores nos scheidts e em pequenas cidades, é absolutamente recorrente. São raros os historiantes que dispõem de recursos. Na população pesquisada, em 100 pessoas chegadas ao Brasil antes de 1934, apenas uma, o médico Dr. Julio Aizenstein escapava desta situação. Alguns outros, cerca de 20 em 100, não eram pobres, mas viviam com grandes dificuldades econômicas. Qualifico como pobreza as pessoas ou famílias que tem dificuldade financeiras para se alimentar, que não alcançam o “mínimo vital” para a sobrevivência, como definido por Antonio Candido em Parceiros do Rio Bonito (1971).

As reações à pobreza levaram, entre outros, a pelo menos dois caminhos: a imigração e a atuação política. Caminhos estes que se combinam por vezes. As penosas condições de sobrevivência são intensas no relato de Cecília Lafer, aqui escolhido entre tantos outros.

Sou de 1904, tinha 10 anos quando começou a I Guerra, em 1914 e passamos três anos até se estabelecer o governo da Polônia. Isso foi em 1918, quando acabou a guerra e ficamos sendo poloneses. Lá na nossa terra, em Rovne, quando a cidade ainda era poderio da Rússia, a gente passava não muito bem. Meu pai, coitado, era um “firer”, carroceiro, guiava uma grande carroça. Carregava mercadoria de nossa cidade para outra, que ficava pegada a essa cidadela. Para lá só se podia ir de trem e era muito difícil carregar mercadorias assim. Eram mantimentos. E com isso “her hot guemacht parnusse” (ele tinha sustento), tinha que sustentar uma filha e pequenos netos. Lembro de meu pai, morreu com 57 anos de tifo, no tempo da guerra. Eu tinha 15 anos em 1919... nos deixou na miséria.

De 14 a 18 não se podia fazer nada pela família. Meus irmãos estavam bem aqui (no Brasil), mas não podiam nos ajudar. Só depois da guerra ajudaram.

Estudei na “ídiche shule” (escola ídiche). Em Rovne tinha também um “tolmetoire” (escola religiosa) e aprendi a falar ídiche. Estudei numa escola da Rússia, eles não cobravam, era do governo. E era muito bom. No tempo da guerra quando os aviões voavam pelo céu, jogavam bombas, eles mandavam as crianças deitarem no chão. Me lembro de tudo isso, quer dizer, tive uma infância triste.

Em Rovne trabalhei para ajudar minha mãe e a mim mesma e a minha irmã Guise que tinha dois filhos. Trabalhei numa banca na rua, na frente da loja da Cecília Klevan mulher do David Klevan (que também veio para o Brasil). A gente vendia linha, agulha, o que podia.... Depois que acabou a guerra eles tinham uma

loja, uma vendinha de armarinhos e então davam um pouco de mercadoria e a gente vendia. Depois levávamos lá um pouco de dinheiro e eles davam um pouco mais de mercadoria. Mas eles tiveram tanta pena e tanto dó de nós, principalmente de mim e de minha irmã que tinha dois filhos e não tinha com que se sustentar.

Em 21, depois que acabou a guerra, já começou a imigração. Tinha companhias marítimas... já começou as “chamadas”. Para poder viver aqui no Brasil, para não aborrecer o governo, cada um vai se sustentar, isso era a “chamada”, era uma carta, um papel escrito, do governo.

Aí meus irmãos mandaram documentos daqui, dizendo que eram responsáveis. Um homem português, que era muito amigo do meu irmão Leon, ajudou bastante com a “chamada”, deu dinheiro emprestado e meu irmão se responsabilizou a não pedir ajuda de ninguém. Se eles são responsáveis, eles nos aceitavam. Na “chamada” não tínhamos especificado o trabalho, meus irmãos se responsabilizavam pela nossa sustentação. Eles podiam ajudar para nos arrumarmos, depois cada um começaria a trabalhar, a ajudar...

Meus irmãos mandaram para nós esses papéis e dinheiro para fazer os passaportes e para viajar. Mandaram também as passagens que pagaram aqui, deve ser que pagaram um pouco a cada mês.

Vimos para o Brasil porque não tinha mais do que viver.

Chegamos em 1923. Aliás, 24... espera aí, deixa eu pegar meu passaporte para ver a data certa. Foi em 23, em dezembro de 23, porque em 24 eu casei. Olha o passaporte, veja aí a data de entrada no Brasil, 4 de dezembro, isso não tem dúvida nenhuma, em 1923. Cheguei com 19 anos.

Cecília Lafer, depois de uma longa vida de trabalho, ela, o marido e os filhos ascenderam economicamente. Fomos recebidas em seu vasto apartamento para conversarmos sobre sua vida. Convidou-nos a ficar numa pequena saleta onde ela tinha à mão vários documentos. Lá ficamos algumas horas. Depois ela nos convidou para “conhecer” seu apartamento, na verdade uma espaçosa sala e living. Enquanto a acompanhávamos ela ia apontado cada objeto, um tapete, candelabros, e contava quem o dera – o marido, os filhos- e em que ocasião. Tivemos a sensação de passear com ela pelo apartamento, como se ele não fosse sua casa. Convidou-nos a voltar à saleta onde visivelmente se sentia à vontade. Simbolicamente Cecília nunca abandonou a pobreza.

- Da política

Algumas mulheres e homens, imigrantes Judeus, atuaram politicamente aderindo aos partidos de esquerda. Certamente não foi apenas a pobreza que os levou à busca de soluções revolucionárias. Experiência de trabalho, informações trazidas de fora, as várias tentativas que levaram ao sucesso da revolução comunista de 1917, na Rússia, alimentavam novos horizontes ideológicos. As mudanças de governo na Romênia, na Bessarabia, na Polônia, vitórias e derrotas de partidos de esquerda nestes países, alimentaram forte atuação de base em que homens e mulheres se envolveram. Alguns, perseguidos políticos, como Tubas Schor, tiveram de imigrar. Ela veio para o Brasil.

Eu nasci na Bessarabia, de uma família bem pobre. Assim, nós tivemos dificuldades para tudo, mas conseguimos estudar. Nós conseguimos nos formar no curso que tinha em nossa cidade.

Depois que crescemos um pouco, pegamos uma época muito, muito difícil, mas muito interessante. Era bem depois da Revolução Russa, mas era tudo fechado, não se sabia de nada do lado de lá. Contavam muitas coisas. Mas o idealismo era tremendo.

A juventude da minha cidade foi uma juventude muito bonita, estudando sempre o que pertencia à Revolução e acreditando em tudo o que vinha de lá, cegamente.

Tive uma juventude difícil, mas interessante. Depois aconteceram mil e uma coisas... Em "Richpok", uma cidade pequena, sofria provocações e tínhamos que fugir. Fugíamos de uma cidade para outra. Isso foi em 1932 e Hitler estava subindo no poder. O anti-semitismo na Alemanha era muito forte, a reação muito forte.

A juventude era muito perseguida. A juventude que tomava parte em alguma coisa, que era militante, era perseguida e não conseguia se mexer.

Em 1933 a juventude tinha que se retirar da Romênia. A maior parte - judeus. Os outros também. Se corria de uma cidade para outra. Não se podia trabalhar, as carteiras eram controladas. Em 1933 eu passei um tempinho muito "desagradável" e então vim ao Brasil: Tinha 18 anos de idade.

Aos 18 anos já tinha uma militância forte porque lá, nas nossas cidades pequenas, começávamos muito cedo. A gente terminava o ginásio e se definia. Íamos de um lugar a outro, cada um procurando o que fazer, com 16 ou 17 anos já estávamos em plena atividade.

Com o gravador desligado, a pedido de Tuba, temerosa de que escapasse algum nome ou identificação de pessoas, (estávamos em 1982), ela contou vários eventos alguns dos quais revelavam o clima de solidariedade política nos shtetl da Bessarabia. Perseguida pela polícia ela procurava um modo de escapar.

“Eu estava cercada numa pequena cidade, a policia me perseguia. Tinha de fugir para Chernovitz, cidade grande. Ir embora, sair da casa em que eu estava e ir até a estação de trem que era longe, tudo cercado...; o partido organizou as crianças, porque nós trabalhávamos com as crianças, os *pioneiros*. Era noite e então via, ao longe, luzinhas brilhando: eram as crianças iluminando o caminho pela montanha por onde eu podia sair. De poucos em poucos metros, um dava o sinal que podia ir; outro subia mais um pouco, pode ir... Aquilo me parecia um sonho, não é possível - eu nunca contei para ninguém! Assim escapei”.

Então, em 1933 cheguei ao Brasil e aqui continuei a mesma coisa até 1935.

*“Em 1935 houve a Revolta Comunista, conhecida como Intentona Comunista, um movimento armado, iniciado com levantes militares e que deveria contar com o apoio das camadas populares. Ocorreram em Natal, Recife e Rio de Janeiro. Os levantes foram organizados pela ANL (Aliança Nacional Libertadora)”.*⁶ *A repressão foi fortíssima. A policia invadiu escolas, bibliotecas e restaurante judaico. Prendeu supostos militantes e alguns foram deportados (Blay, 1989). A ditadura tornou-se mais rígida. Tuba teve de se esconder:*

Em 35 tomei parte na Revolução. De manhã cedo ouvimos notícias no rádio. Quando ouvimos o primeiro tiro, saímos correndo do quarto... ainda deu tempo de fugir. Fugimos até 1937, de cá para lá, de lá para cá... Ficávamos em casa de pessoas conhecidas ou não, até que, em 37 viemos para São Paulo. O trabalho então era mais fraco porque a reação era muito forte.

A linguagem de Tuba é muito peculiar. Politicamente peculiar. Substantivos e expressões são utilizados de modo a obscurecer as pessoas a quem se refere: fala “a juventude”, um coletivo, quando quer se referir aos jovens comunistas. Por “tempinho desagradável” queria dizer a perseguição policial de caráter político; “a juventude era muito perseguida” quando se referia à juventude comunista; “a gente terminava o ginásio e se definia” para dizer que após o ginásio, os e as jovens se incorporavam aos grupos progressistas. Sobre tudo usa o termo “trabalho” para se referir à sua atividade política; continuar o trabalho, trabalhar, significava sempre uma ação política de conscientização, de propagação e informação dos ideais de esquerda.

A militância perseguida tinha de utilizar estes subterfúgios.

Diferentemente de Cecília, e de Tuba, Kaminitz descreve uma trajetória de inserção na produção capitalista, a busca da inovação tecnológica e um minucioso acompanhamento da vida judaica pelo mundo.

- Da inovação tecnológica

⁶ Dados fornecidos por Beatriz Lang, por e-mail.

Eu era muito ambicioso, queria chegar rapidamente a tudo de bom que havia no mundo, então deixei completamente os estudos, a matemática e me pus no comércio, na indústria, nas finanças e assim me desenvolvi. Não vim como imigrante, vim mais bem como explorador. Eu era muito jovem, tinha 24 anos em 1913.

Eu tinha ouvido muito falar da América, mas era a América do Norte e não da América do Sul. Muita gente que vinha de volta da América do Norte dizia: “Nós já fizemos América”. ... Era no tempo que se tinha descoberto minas de ouro na Califórnia, e muita gente dizia: “Vou fazer a América porque é um país de ouro”. E muita gente já estava vindo de volta, principalmente os judeus. E naturalmente essa voz corria por todo o Oriente, de que para ganhar dinheiro, para formar um “porvenir” bom, era preciso ir à América. Mas a América mais nova era a América do Sul, principalmente a Argentina, o país mais tentador. O Brasil era pouco conhecido. Mas precisamente, porque era pouco conhecido, muita gente pensava que às vezes era melhor ainda que um país já conhecido. Assim foi como vim para o Brasil...

Quando cheguei eu tinha dinheiro, tinha meios pessoais, trouxe comigo muita mercadoria. Naquele tempo era muito fácil, não havia nenhuma dificuldade para se vir com mercadorias para cá.

No Rio de Janeiro, “mui” poucas famílias judias – estamos falando de 80 anos atrás – e eram principalmente de origem sefardi, não eram ashquenazi.

Minha entrada na sociedade brasileira, naquela época, se deu através dos negócios que tinha trazido comigo, e como era um jovem simpático, agradável, tratava bem as coisas que eu plantava, então era acolhido. Na Avenida Mém de Sá eu tinha uma loja, vendia uma classe de coisas, artigos de seda principalmente...

O Brasil era um país virgem, não havia nada, nada. Tudo o que você trazia vendia imediatamente. Vendia bem e ganhava bem. Eu tive relações das melhores no Brasil, eles gostavam de mim e eu gostava deles e as coisas eram fáceis.

Fui adotado como um filho pelo maior chefe político do Rio de Janeiro. Me outorgaram imediatamente uma patente militar. Tenho aqui essa patente, sou designado na Bahia, em Feira de Santana, faço parte do Estado Maior, designado pelo Presidente da República e assinado pelo Ministro do Interior. Uma criança, era jovem, tinha 24 anos, mas era bonito, era simpático, era agradável... O maior chefe político “entonces” era o Major Proença Gomes; era um velho de 65, 70 anos talvez, todo de cabelos brancos, ele me adotou como filho e disse: “Kaminitz, você é meu filho”. Eu mal sabia falar português, mas falava espanhol. Em 6 meses já

falava português e me deram a patente de Major do Estado Maior de Feira de Santana. Tenho aqui o diploma. Está com firma reconhecida este documento: Guarda Nacional do Estado da Bahia – Major. É para lhe dizer, sempre tive sorte na minha vida. Ele sabia que eu era judeu e tudo, como não?

Ele me adotou como filho, era meu padrinho. Eu entrava na Secretaria dele antes dos deputados e dos senadores, havia uma ordem: “Quando vem meu filho, ele entra”.

Depois desta típica acolhida patriarcal, o jovem Kaminitz resolveu ir para Buenos Aires, seguindo as vozes que louvavam a Argentina e o Uruguai.

Fui tentar então conhecer estes países, e lá morei aproximadamente 40 anos. E devo dizer que naquele tempo que lá estive estes dois países eram modelos, dois países magníficos. A Argentina principalmente tinha condições de vida tão boas ou melhores que a Europa. Havia abundância de tudo, uma vida fácil, todo mundo ganhava dinheiro, todo mundo vivia bem. Não se encontrava mendigo na rua. Falo no tempo de 40 anos atrás (1940 aproximadamente). Então me encontrei, estava muito bem lá, e fiquei.

Para Kaminitz a situação política e econômica se deteriorou nos dois países, na Argentina em consequência do peronismo e no Uruguai, do comunismo. Ao voltar ao Brasil Kaminitz traz consigo novas formas de produção, a inovação tecnológica eletrônica.

Então resolvi “volver” a meus primeiros amores, o Brasil, que já conhecia perfeitamente, com o qual tinha vinculações comerciais e industriais. Resolvi deixar a Argentina e o Uruguai, onde vivi mais de 40 anos, por um lugar mais tranqüilo, que era o Brasil naquela época. Tenho mais ou menos 80 anos de vida na América do Sul, dos quais a metade foi passada no Uruguai e na Argentina e a outra metade no Brasil.

E estabeleci aqui também uma indústria eletrônica, a Douglas Radio Elétrica S.A⁷ o mesmo nome que tinha na Argentina. Temos aqui uma linda indústria. Montei no Tatuapé (bairro da capital de São Paulo), está lá até hoje. Comprei um prédio pronto, novo. Comprei terrenos também. Não vim como imigrante, vim com muito dinheiro. Não havia nada aqui. Tive que trazer os elementos principais da minha indústria da Argentina e do Uruguai para o Brasil. Ensinávamos e formávamos o pessoal. Ainda tenho pessoas que vieram do Uruguai, que estão com mais de 30 e tantos anos aqui, na mesma fábrica. Não havia nada, nada, era um país completamente virgem.

⁷ Atualmente Grupo Douglas do qual faz parte a Douglas Industria Eletrônica Ltda, de Manaus.

Fabricamos todos os elementos que compõe o rádio, a televisão e os instrumentos eletrônicos e vendemos aos fabricantes.

Temos outras indústrias em Manaus. Entramos em sociedade com uma grande companhia japonesa, uma das maiores companhias do Japão, e também com uma outra companhia inglesa. E não fabricamos aparelhos, é sempre no mesmo estilo, fabricamos os componentes principais.

E meus filhos (estudaram engenharia eletrônica nos Estados Unidos), em lugar de ser um argentino e outro uruguaio, ficaram dois brasileiros, são eles que cuidam das fábricas.

O relato da vida pessoal traduz vínculos sociais que vigoravam e ainda vigoram no Brasil e que permitem, a certas pessoas introduzir-se em espaços sociais mais altos.

A vida de Kaminitz é marcada pelo que acontecia paralelamente com os Judeus em várias partes do mundo: a instalação das Colônias Agrícolas Judaicas do Barão Hirsch, na Argentina, fator de atração para os imigrantes que queriam se dedicar à terra; a evasão dos filhos jovens para o meio urbano; a busca de formação universitária; a imigração de jovens Judeus para Israel e a formação de kibutzim (colônias agrícolas de orientação socialista) com brasileiros e argentinos.

Para Kaminitz o sucesso dos Judeus na indústria é resultado da proibição milenar do povo judaico de trabalhar na ou possuir terras e bens imóveis. Assim, ao se dedicarem aos estudos, tornam-se competentes profissionais em suas respectivas áreas como química, física, matemática, tecnologia, etc. Além disso, Kaminitz considera que são as perseguições as responsáveis pela permanência do Judaísmo, sem o que os Judeus já estariam assimilados.

No Uruguai Kaminitz fundou e se tornou presidente do “Comitê Central Israelita do Uruguai” e do “Conselho de Ajuda às Vítimas Judias da Guerra”. Recorda, com orgulho, o discurso que fez numa Praça em Montevideú no balcão do Ministério das Relações Exteriores, quando os aliados entraram em Berlim:

, “Ao momento em que estou lhes dirigindo a palavra, em plena Berlim, na Avenida Interberlindem, estão desfilando judeus com o bracelete amarelo, o sinal criado pelos nazis de desprezo pelo judaísmo e hoje um símbolo de vitória e de grandeza. É o maior orgulho dos judeus circulando em plena Berlim ... com o semblante que pouco tempo atrás era um signo de baixa e “hoy” é um símbolo de gloria”.

...

Bom! Essa foi a minha vida neste país, o Brasil, onde estou já agora há 40 anos de forma estável, com indústrias estabelecidas aqui...Contribuímos,

pagamos impostos de toda classe e não recebemos apoio nenhum. Viemos por nosso próprio risco, com nosso próprio dinheiro, nosso próprio capital, já vim com alguns milhões de dólares aqui quando me estabeleci... Criamos trabalho, pagávamos as escolas, durante seis meses eu trazia pessoal meu da Argentina e do Uruguai para ensinar aqui e poder formar pessoal. Não havia nada, não havia indústria. A cada três meses eu era obrigado a ir aos Estados Unidos para comprar material necessário para a fábrica porque não havia aqui no país, não havia indústria. Os primeiros tempos foram muito duros, muito difíceis. Agora não, fabrica-se tudo aqui.

Precisou muito sacrifício. Eu não me incomodava, tinha saúde forte, podia trabalhar, eram 8, 10, 12, 15, 20 horas por dia. Comecei com vida dolorosa, vida dura, a vida de trabalho, de sacrifício. Mas o principal, o mais importante, é criar bem os filhos. Eles fizeram a universidade lá (nos Estados Unidos), todo o curso de graduação. Aqui não tinha como iam fazer aqui?

„,„Ser bom judeu não significa ser religioso. Nunca fui um religioso praticante. Com meu pai e minha mãe a gente ia no Shabat, havia que ir na sinagoga, meu pai nos levava ... mas depois nunca fui um religioso, nunca.

Alguma razão há de ter. Apesar de tudo, posso ser um excelente brasileiro, posso ser um amante da França, mas não renuncio à minha origem de judeu. Há tanta coisa boa na história judaica, há tantos elementos verdadeiros, de grande valor, que sou aficionado, a esta parte eu não renuncio.

... A história do povo judeu é uma história cheia de todas as virtudes e todos os defeitos da humanidade. Tudo que há de bom na moral, na filosofia, está na Bíblia; e também você encontra todos os defeitos humanos.

Kaminitz conhece detalhadamente as atividades de várias universidades de Israel com as quais colabora assim como o faz com as instituições judaicas no Brasil. Extremamente atualizado reflete sobre o anti-semitismo se tornou em anti-sionismo, e a persistência do judaísmo.

- Questões de gênero

Como foi dito anteriormente, as histórias de vida aqui relatadas representam, simbolicamente, perfis semelhantes aos encontrados em outras histórias de Judeus e Judias imigrantes para o Brasil e, provavelmente para outros países. Trabalhar era uma atividade comum a mulheres e homens imigrantes e a seus filhos e filhas que chegaram muito pequenos. O trabalho era necessário para a subsistência. Mas a educação era prioritária também.

Contudo, os filhos e filhas da primeira geração tiveram um tratamento de gênero diferencial. As filhas estudavam até o ensino médio e com frequência faziam escolas de comércio, de contabilidade. Os filhos,

amparados pelos recursos trazidos pelas irmãs mais os pais, ingressavam na universidade. Só mais tarde, em certos casos na segunda geração, as mulheres iam para as universidades (Blay, 2005).

No campo político a questão de gênero não interferia: algumas mulheres e homens atuaram em organizações políticas além de organizações comunitárias sionistas.

Um tema deixou de ser abordado detidamente neste texto mas esteve presente como pano de fundo: o antisemitismo. Só ele merecerá um outro trabalho pois, real na vida cotidiana, estimulado por igrejas, violento em ações de nazistas e anti-sionistas, expressou-se em muitos grupos políticos, inclusive os comunistas.

Por agora chegamos a um porto: nossos historiantes chegaram e ficaram no Brasil.

O Brasil – no percurso

Quando penso no povo judeu, disperso e móvel no espaço, me pergunto qual será o próximo passo? Chegaram a várias partes do mundo, da maioria delas foram expulsos por interesses políticos, econômicos, religiosos. No Brasil, na época colonial, os Judeus foram perseguidos pela Inquisição que, “pour cause”, ficava com todos os seus bens. Alguns foram mandados para a fogueira em Portugal. Na República, por artes da Ditadura Getulista e da adesão desta ao nazismo, e ao anticomunismo os Judeus foram condenados a priori e mais uma vez deportados, inclusive para campos de concentração⁸. Na mais recente ditadura, de 1964 - 1979, algumas formas de anti-semitismo se somaram ao anticomunismo que levou vários à morte. Não faltaram Judeus nestes episódios.

As histórias de vida aqui analisadas representam, excetuando as peculiaridades individuais, trajetórias semelhantes de outros judeus homens e mulheres. Entre os pobres há os que ascenderam economicamente, outros continuaram pobres, muitos acumularam e perderam seus bens. Estas perdas dependem da inconstante conjuntura econômica do Brasil.

No começo do século XXI o perfil econômico da comunidade judaica é exatamente igual ao da população brasileira: poucos abastados, uma relativamente larga classe média formalmente educada, e uma proporção de pobres maior na base desta pirâmide.

A comunidade judaica buscou desde o início da imigração contemporânea, soluções internas organizacionais para enfrentar todos seus problemas. A larga quantidade de pobres, especialmente velhos

⁸ Blay (1979)

empobrecidos, problemas de saúde, cuidado com velhos sem família, com as crianças de famílias desestruturadas ou que não as podem manter, desempregados, enfim os mesmos problemas que a população brasileira vive é compartilhado pelos judeus e judias. E, ainda assim, esta comunidade depara com a imagem de que todos os Judeus são ricos⁹. A imagem preconceituosa antecede o real.

A historiografia brasileira até hoje não incorporou em seus livros didáticos ou nos estudos imigratórios, a presença judaica, criando uma lacuna que propicia a ignorância e a reprodução de antigos preconceitos.

Pardoxalmente, ou confirmando tudo o que foi dito acima, quando terminei de escrever este texto, a maior universidade brasileira, a Universidade de São Paulo, enfrenta uma manifestação anti-semita e anti-sionista por parte de alguns professores e do sindicato dos trabalhadores da USP(ver anexo)..

Bibliografia:

BARNAVI, Élie (direção). *História Universal dos Judeus: da gênese ao fim do século XX*. São Paulo: Editora Cejus, 1995.

BLAY, Eva Alterman- (1989) *Inquisição, inquisições. Aspectos da participação dos judeus na vida sócio-política brasileira nos anos 30*. Tempo Social São Paulo .v.1 n.1. 1sem 1989:105-130 ou.

1989 - "Inquisition, Inquisitionen" *Aspekte der Teilhabe der Juden am sozio-politischen Leben im Brasilien der 30er, Jahre*. In: Achim Schrader and Karl Heinrich Rengstorf (editores), *Europäische Juden in Lateinamerika*, Köln, Rohring Verlag, Antisemitismus in Lateinamerika, pp. 435-470.

BLAY, Eva Alterman *Judeus no Brasil: os contraditórios e flexíveis caminhos da Identidade*. *Boletim Informativo do Arquivo Histórico Judaico Brasileiro*. Nº 33 ano VII Janeiro-abril 2005.

BLAY, E.A. e LANG, A.B.S.G. *Mulheres da USP. Horizontes que se abrem*. São Paulo. Humanitas. 2004.

CANDIDO, Antonio, *Os parceiros do Rio Bonito*. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1971

DAVIS, Natalie Zemon. *Nas margens: três mulheres do século XVII*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

GUINSBURG, Jacó. *Aventuras de uma língua errante: ensaios de literatura e teatro iídiche*. São Paulo: Perspectiva, 1996.

⁹ Maio, M. Chor (1991)

HOWE, Irving. *World of our fathers*. New York, NY: Simon and Schuster. A Touchstone Book, 1976.

MAIO, Marcos Chor. *Nem Rotschild, nem Trotsky* Rio de Janeiro. *Imago*. 1992.

VIDAL-NAQUET, Pierre "Les JUifs, la memoire et le present" França. La Découverte. 1991.

Resumo:

Gender Studies: The participation of Jewish Women in social and political activities: their past experience in Europe and as immigrants in Brazil

Europeans are believed to have arrived in Brazil in 1500. Jews came along from the very beginning. This ancient phase in History is now being looked into.

Single men and women, couples with young or grown-up children and several unaccompanied married men landed here over the contemporary immigration (1890-1940). These immigrants were mostly moved by poverty and anti-Semitic persecution. There were also those, mainly leftists, escaping from political harassment.

Data herein analyzed are part of oral stories, documents and photographs displayed in the research "Jews in the memory of Sao Paulo city". Such recollections refer to the contemporary settling of Jews in Brazil, many of which came from Eastern Europe or from other countries in Latin America.

This paper deals with the numerous courses followed by women, comparing them to their brothers, male friends and husbands. Some participated expressively in leftist politics back in Europe. In Brazil, in turn, due to their political activities, they were arrested, deported and underwent harsh political persecution throughout President Getulio Vargas's dictatorship (1930-45).

A comparison is made concerning the diverse vocations outlined by families for their sons and daughters in 1st generation. Also, some ideas on female education prove mystified.

Taking into consideration the social class the people interviewed are part of, a deep analysis is carried out on participation in economy, work and everyday life, as well as on maintenance or rejections of bonds with Judaism in Brazil.

Boletim Nº 062 - 11/08/2006 - Gestão: Sempre na Luta, Piqueteiros e Lutadores - 2005/2007 ato público, convocado pelo Sintusp, Adusp e DCE, contra o massacre no Líbano e na Palestina, estava marcado para ocorrer no dia 09/08, às 17 horas, no Anfiteatro Camargo Guarnieri, cedido e agendado pela reitoria da USP.

Na véspera do Ato, a reitoria comunica, por ofício, que o agendamento do Anfiteatro estava cancelado sob alegação de que a reitoria é responsável pela integridade física das pessoas e pela defesa do patrimônio público. Ainda pior, divulgou o cancelamento do Ato pela internet. A reitoria cedeu às pressões dos setores da extrema direita, representantes dos genocidas de Israel/EUA.

Apesar do anúncio do cancelamento difundido pela reitoria e da informação fornecida pelos funcionários responsáveis pelo Anfiteatro de que tinham ordens expressas de que nenhuma pessoa e ou equipamento poderia entrar, cerca de 600 manifestantes acorreram ao local. Estava barrada a entrada de Francisco de Oliveira, Aziz Ab'Saber, Armem Mamigonian, Mamede Mustafá Jarouche, Leonel Itaussú Almeida Mello, Zilda Iokoi, Khaled Ghoubar; de representantes do Sintusp; da Adusp; do DCE, de diversas entidades, parlamentares, dentre as 600 pessoas da universidade e comunidade externa.

O ATO FOI REALIZADO

Ao lado de fora, sob a coordenação do Prof. Osvaldo Coggiola, na rampa de acesso ao Anfiteatro com mesa, cadeiras e equipamento de som, improvisados pelo Sintusp, instalou-se a mesa dos oradores, que sem exceção, além de denunciar e conclamar a luta contras atrocidades cometidas por Israel sob patrocínio dos EUA e seus aliados, repudiaram veementemente o atentado à democracia e à autonomia da Universidade. A reitoria mostrou-se subserviente às “poderosas” forças dos imperialistas e dos genocidas judeus.

AS BOMBAS DE ISRAEL ATINGEM A DEMOCRACIA DA USP

Daniel Garcia/Adusp

Sede - Fernando Legaspe (Fernandão) - Av. Profº Luciano Gualberto, travessa J, 374 - C. Universitária - Butantã - Capital/SP - CEP 05508-900

Telefones: 3091-4380, 4381, - Fax: 3814-5789 - Site: www.sintusp.org.br - E-mail: sintusp@sti.com.br

O nosso sindicato além de expressar a indignação diante do cancelamento absurdo promovido pela reitoria, ressaltou o desafio colocado a todos os presentes de se contraporem à desinformação difundida pela mídia reacionária sobre a guerra no Oriente Médio.

Apontamos à necessidade de esclarecer o povo brasileiro quanto à fundação deste Estado artificial, Israel, fundado em 1948, sob os auspícios dos EUA, da Inglaterra e de outros países imperialistas europeus; o qual não passa de um enclave militar a serviço destas potências, no centro da região que mais produz petróleo no planeta.

Defendemos que a luta dos povos árabes, libaneses e palestinos contra o terrorismo do Estado de Israel, seja a luta de todos os povos até o FIM DO ESTADO DE ISRAEL.

A USP não se acovardará...

No Ato foi constituído um Comitê de Solidariedade ao Povo Libanês e Palestino na USP para dar continuidade à oposição da mídia burguesa, que não relata o real motivo deste massacre, e de mobilizar a comunidade a fim de somar-se às demais atividades que ocorrem em São Paulo e no País.

O CDB (Conselho Diretor de Base) do Sintusp convida funcionários, estudantes e professores a participarem deste debate para o qual estamos trazendo membros da comunidade libanesa. “O massacre de Israel sobre o Líbano e à Palestina”

Debate: 25/08

Reunião do Comitê de Solidariedade ao Povo Libanês e Palestino/USP

6ª feira, 11 de agosto, às 14h30, no Sintusp

FIM DO ESTADO DE ISRAEL